

# NA TRILHA DAS PROVAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA CONCURSOS PÚBLICOS: A POLIFONIA E SUAS MARCAS LINGUÍSTICAS

*Delvarte Alves de Souza* (UESB)  
[delvartesouza@yahoo.com.br](mailto:delvartesouza@yahoo.com.br)  
*Lucas Santos Campos* (UESB)  
[lusanpos@gmail.com](mailto:lusanpos@gmail.com)

## ***1. Introdução***

Em um texto, nem sempre se acha unicamente presente a voz de quem o produziu. Às vezes, inserimos, explicitamente, em nosso texto, outra voz que pode falar de outras perspectivas ou apresentar outros pontos de vista, com o auxílio de alguns índices linguísticos que sinalizam a presença da polifonia, um fenômeno que, para Bakhtin (2010, p. 298), “é o discurso de outrem, ou seja, da constituição dos sentidos, da possibilidade do que chamamos de interdiscurso, de alteridade constitutiva”.

Nas provas de língua portuguesa para concursos públicos, elaboradas por organizadoras como o Centro de Seleção e de Promoção de Eventos (Cespe), a Fundação Carlos Chagas (FCC) e a Fundação Cesgranrio, localizamos textos escritos por renomados escritores, jornalistas e especialistas de uma determinada área do conhecimento em que se impõe outra voz, ou seja, a voz de outro locutor. Da mesma forma, nos enunciados das questões, instala-se outra voz, a voz de quem elabora as questões da prova.

Este estudo pretende mostrar a interação entre candidatos e tradicionais organizadoras de concursos públicos, por meio da linguagem utilizada nas provas de português, apontando os diversos recursos coesivos que permitem orientar, para a polifonia, a argumentação dos enunciados dessas provas. Essa interação só pode acontecer por meio da linguagem, tal qual nos alerta Koch (1998, p. 29):

Quando interagimos através da linguagem (quando nos propomos a jogar o “jogo”), temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter dele(s) determinadas reações (verbais ou não verbais). É por isso que se pode afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusões de outras). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa.

As organizadoras de concursos públicos já introduzem, em suas provas de língua portuguesa, textos que conduzem o candidato à análise de mecanismos mais complexos do que a mera justaposição de uma frase ao lado de outra. Dentre os diversos fenômenos da linguagem, abordamos aqui a polifonia, reconhecida, nas provas para concursos, por mecanismos linguísticos da enunciação, ou seja, os operadores argumentativos, que, segundo Kock (1998, p. 29), “determinam o modo como aquilo que se diz é dito”.

## **2. Referencial teórico e metodológico**

Numa prova de língua portuguesa para concurso público, o candidato deve estar pronto para executar aquilo que lhe é imposto, atento às intenções da organizadora em cada questão, compreendendo as marcas linguísticas utilizadas para a construção dos enunciados, cuja forma varia de uma organizadora para outra, como bem nos fala Bakhtin (2010, p. 261):

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

Nas provas de português para concursos, tendemos a compreender a enunciação como um processo monológico. Porém, nessas provas, são estabelecidos um diálogo e uma interação entre quem as produz e quem as responde, pois alguém dá uma ordem e, para ser bem sucedido, outro tem que obedecer fielmente.

Assim sendo, investigamos aqui como se processa essa interação nas questões de provas de língua portuguesa, com ênfase nos textos polifônicos, construídos a partir de mecanismos linguísticos que fazem parte da linguagem viva e dinâmica, que representa, organiza e transmite pensamentos.

Ducrot (1987), ao defender que um enunciado possui uma pluralidade de vozes, nas suas marcas linguísticas, opõe-se à unicidade do sujeito falante e também à ideia de que cada enunciado possui um e somente um autor. Dessa forma, Ducrot nos remete a Bakhtin (2010), segundo o

qual, “na polifonia várias vozes falam simultaneamente, sem que uma dentre elas seja preponderante e julgue as outras”.

Também Ponzio (2008, p. 75) nos explicita a compreensão de Bakhtin sobre o fenômeno da polifonia ao afirmar que

A “dialogia”, a “polifonia” de Bakhtin, não coincide absolutamente com um “relativismo subjetivista”. Os diferentes pontos de vista, as diferentes projeções ideológicas, não estão colocados num mesmo plano: admitem valores diferentes tanto no plano prático como no plano interpretativo, e tanto se trata de uma interpretação de ordem cognoscitiva como se trata de sua interpretação ou sua representação no sentido artístico.

Assim, pois, o signo linguístico exerce papel fundamental nas relações dialógicas ao produzir uma enunciação que responde a um diálogo, parte constitutiva de uma relação de interação social, um texto vivo. Para Bakhtin (2010) o signo “não é texto coisificado, uma expressão monológica isolada, que tenha que ser interpretada simplesmente na base da pura relação entre as unidades linguísticas que a compõem e a língua”.

Por outro lado, Ponzio deixa claro que “o desenvolvimento das ideias, das emoções, dos pensamentos etc. está ligado a uma ampla variedade de materiais expressivos”. Esses materiais expressivos se constituem de recursos da Linguística Textual, que, segundo Koch (2009, p. 169), de “uma disciplina de inclinação primeiramente gramatical e, depois, pragmático-discursiva, transformou-se em uma disciplina com forte tendência sociocognitivista e interacional”.

Koch (1998) nos evidencia a existência de determinadas formas linguísticas que funcionam, no texto, como índices da presença de outra voz para a interação entre os diversos sujeitos do discurso. É nessa perspectiva, à luz da linguística textual – responsável pelo estudo da produção, construção, funcionamento e recepção dos textos – que analisamos aqui algumas questões de provas de língua portuguesa para concursos públicos, constituídas de textos escritos que caracterizam a ocorrência da polifonia marcada por determinados operadores linguísticos textuais.

Vejamos, então, o texto e a alternativa correta de uma questão de prova de português para um concurso público:

[...]

Com efeito, a partir da revolução científica do Renascimento, as ciências naturais passaram a contribuir de modo cada vez mais decisivo para a formulação das categorias que a cultura ocidental empregará para compreender a realidade e agir sobre ela.

Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação [...]

**Alternativa correta – letra A - da questão 03 da prova FCC sobre o texto acima (MPU, 2007, Analista - Área Documentação – Especialidade: Estatística):** a) A conjunção “Mas” foi empregada não para eliminar o que foi dito anteriormente, e, sim, para introduzir uma contrapartida do objeto, fruto de distinta perspectiva de análise.

Segundo Koch, o operador argumentativo “mas” é um dos conectivos que mostram a presença de outra voz no discurso. Na referida questão da prova da FCC, ao primeiro argumento (Com efeito, a partir da revolução científica...) é atribuída outra voz, à qual se confere certa legitimidade, se dá certa acolhida no interior do discurso. No segundo argumento iniciado pela conjunção “mas” (Mas os saberes científicos têm...) há, portanto, uma nova voz constituída de um argumento mais forte que leva a uma conclusão contrária.

Para Koch, também funciona como operador de polifonia o conectivo concessivo “embora”. Para entender esse processo, analisemos o texto e a questão do concurso Cespe, STJ, Técnico Judiciário, 2012.

*Texto:* A espécie humana se diferencia anatômica e fisiologicamente por meio do dimorfismo sexual, mas é falso acreditar que as diferenças de comportamento existentes entre as pessoas de sexos diferentes sejam determinadas biologicamente [...].

*Questão:* Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o período acima poderia ser reescrito da seguinte forma: A espécie humana se diferencia anatômica e fisiologicamente por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso acreditar que as diferenças de comportamento existentes entre as pessoas de sexos diferentes sejam determinadas biologicamente.

A resposta atribuída à questão é “certo”. No texto, introduziu-se, com o auxílio do conectivo “embora”, um novo argumento que pode ser atribuído a terceiros e com o qual o locutor pode não concordar. Koch (1998) alerta para os sentidos evidenciados pelos conectivos “mas” e “embora”. Para a autora, do ponto de vista semântico, esses operadores argumentativos têm funcionamento parecido. Enquanto o “mas” emprega a “estratégia do suspense”, o “embora” utiliza a “estratégia de antecipação”, sinalizando de antemão que o argumento por ele introduzido vai ser anulado. Ressalta-se ainda que o conectivo “mas” vem acompanhado de verbo no indicativo (fato real e certo). Já o conectivo “embora” traz o verbo no subjuntivo, apontando para uma ação hipotética, possível.

Ainda de acordo com Koch, que sugere uma metodologia eminentemente didática e explicativa para a verificação da polifonia nos diversos textos, as aspas são outros indicadores que pressupõem a existência de outras vozes no discurso. Dessa forma, analisemos a questão do concurso da Polícia Federal (CESPE – Cargo 01 – Delegado de Polícia – Superior – Caderno AZUL – 2004):

*Texto:* A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: “o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa”, ou “a utilização da força é direito exclusivo do Estado” ou “o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública”.

*Questão:* O emprego das aspas indica vozes que representam opiniões paradigmáticas a respeito do porte de armas.

Normalmente, o Cespe elabora questões em que o candidato deve julgar cada item (enunciado) como “certo” ou “errado”. Concluímos que o enunciado da questão em análise está “certo”. Evidencia-se aqui um caso do uso das aspas para, segundo Koch, manter distância do que se diz, colocando o dito “na boca” de outros. O texto utilizado para a questão da prova é, pois, polifônico na medida em que mostra perspectivas ou pontos de vista de outro enunciador.

É principalmente nas questões de interpretação de textos que mais se concentram as relações polifônicas das provas de português para concursos públicos. Além da voz do autor do texto, o candidato se depara com outra voz, a voz do enunciador das questões, um sujeito dialógico que, antes, deu ao texto sua própria interpretação, ao usar o artifício da paráfrase, uma reescritura de um texto, espécie de “tradução” dentro da própria língua. Ao interpretar o texto, o elaborador da prova passa a exigir que o candidato reinterprete o texto dado, numa relação dialógica, de reciprocidade inteiramente nova e especial entre duas verdades. Nesse sentido, atesta Bezerra (2006, p. 194):

A polifonia se define pela convivência e pela interação, em um mesmo espaço de romance, de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis, vozes plenas e consciências equipolentes, todas representadas de determinado universo e marcadas pelas peculiaridades desse universo.

Passemos à análise de uma questão de interpretação textual incluída na prova de português para o concurso do TRT da 11ª Região – Analista Judiciário – Área: Apoio Especializado – Especialidade: Enfermagem – 2012:

*Texto:* A Amazônia, dona de uma bacia hidrográfica com cerca de 60% do potencial hidrelétrico do país, tem a chance de emergir como uma região próspera, capaz de conciliar desenvolvimento, conservação e diversidade socio-cultural. O progresso está diretamente ligado ao papel que a região exercerá em duas áreas estratégicas para o planeta: clima e energia. Não se trata de explorar a floresta e deixar para trás terra arrasada, mas de aproveitar o valor de seus ativos sem qualquer agressão ao meio ambiente. Para isso, basta que o Brasil seja capaz de colocar em prática uma ampla e bem-sucedida política socioambiental, a exemplo do que faz a indústria cosmética nacional, que seduziu o mundo com a biodiversidade brasileira. É marketing e é conservacionismo também.

Segundo o pesquisador Beto Veríssimo, fundador do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), a floresta é fundamental para a redução global das emissões de gases de efeito estufa. "O Brasil depende da região para produzir mais energia e não sou contra a expansão da rede de usinas aqui, mas é preciso cautela, para não repetir erros do passado, quando as hidrelétricas catalisaram ocupação desordenada, conflitos sociais e desmatamentos. Enfrentar o desmatamento da Amazônia é crucial para o Brasil."

(Trecho de Diálogos capitais. *Carta Capital*, 07/09/2011, p. 46)

*Questão:* No último parágrafo, o pesquisador

(A) lamenta o fato de ser necessário desmatar a floresta para criar condições mais favoráveis para a Amazônia, especialmente quanto ao fornecimento de energia elétrica.

(B) aponta para as dificuldades que surgirão com os novos projetos de construção de usinas hidrelétricas na região amazônica.

(C) defende a construção de novas usinas, por trazerem benefícios para toda a região, ainda que seja necessário desmatar grandes áreas de floresta.

(D) alerta para a necessidade de um planejamento de ações, para evitar, como já têm acontecido, fatos comprometedores do desenvolvimento sustentável da Amazônia.

(E) constata que, apesar da abundância de recursos hídricos na região amazônica, é inaceitável seu aproveitamento com a construção de novas usinas hidrelétricas.

A resposta correta atribuída à questão está na letra "d". Observe, nitidamente, no texto, a presença de duas vozes: a voz do autor do texto (enunciador da *Carta Capital*) e a voz do pesquisador Beto Veríssimo. A questão exige leitura atenta do candidato sobre aquilo que foi enunciado pelo pesquisador e não pelo autor do texto. Ao responder à questão proposta, o candidato deve ainda atentar para uma terceira voz, a voz do elaborador da prova que, em uma das alternativas (neste caso, na alternativa "d"), introduz um enunciado ao transcrever, com novas pala-

vras, a ideia que se atribui ao pesquisador Beto Veríssimo. Dessa forma, como nos garante Charaudeau (2010), “pensamento e linguagem constituem-se um ao outro numa relação de reciprocidade”.

### 3. *Considerações finais*

Vimos que, nas questões de português para concursos públicos, outras vezes apresentam diversos signos como parte de um processo de interação social e que refletem a realidade de um ponto de vista ideológico. Para a elucidação dessas vozes, devemos examinar o texto e seus recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais e sua construção composicional, como propõe Bakhtin (2010, p. 261).

É importante considerarmos que, atualmente, as provas de português para concursos públicos, mais do que o domínio de regras da gramática normativa, exigem o conhecimento de expressões e de recursos linguísticos usados intencionalmente pelas organizadoras, para medir acima de tudo o grau de concentração e de raciocínio dos candidatos.

Portanto, as organizadoras de concursos, em suas provas de português, constituídas de textos escritos que caracterizam a ocorrência linguística dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal, utilizam a linguagem como um rico e poderoso fenômeno da comunicação, permitindo que o candidato pense e aja a partir de enunciados proferidos pelas diversas vozes presentes no discurso. As provas, dialógicas e intertextuais são, pois, polifônicas.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BENVENISTE, Ê. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2005.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave. Análise e teoria do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso – modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2010.

COSTA, V. M. G. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

KOCH, I. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1998.

\_\_\_\_\_. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, L. A. *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Signo e ideologia. São Paulo: Contexto, 2008.

Provas <<http://www.concursosfcc.com.br>>. Acesso em: 23-05-2012

Provas <<http://www.folhadirigida.com.br>>. Acesso em: 23-05-2012

Provas <<http://www.pciconcursos.com.br>>. Acesso em: 25-05-2012